

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: 30

Data: 07.09.80

Pg.: _____

A tensão persiste ainda na área indígena

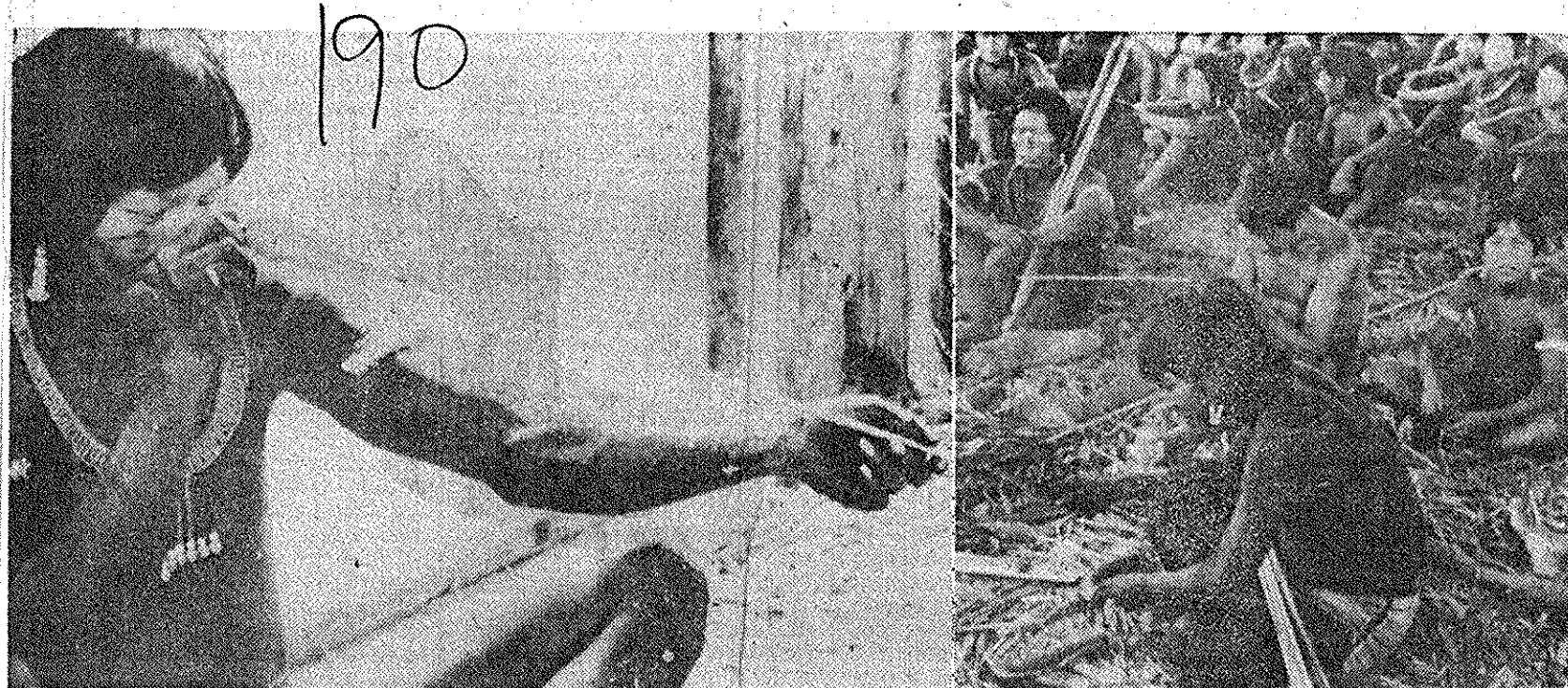


Foto Sérgio Borges - Enviado Especial

Os caiapós continuam fazendo armas de guerra, à espera de um ataque dos fazendeiros

ELIANA LUCENA
Enviada Especial

O relatório que o representante do Conselho de Segurança Nacional, Marco Antônio Luchini — o major Curió —, entregará esta semana ao presidente da República deverá retratar o

Ao contrário da versão apresentada pelo presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, o major Curió, e mesmo o delegado da Funai em Belém, Paulo César Abreu, não culpam o antropólogo Alceu Cotia pelo ataque dos índios. Para eles, os gorotires ficaram inquietos depois de terem recebido informações do fazendeiro José de Castro e de Francisco Ferreira, o "Chico Bigode" de que 1.800 homens estariam chegando à região para desmatar a área. Ele voltou a denunciar a manobra dos donos de terras na área, que constroem as sedes de suas fazendas fora dos limites da reserva indígena. Mas, depois, vão abrindo pastos até invadi-la. Ele acusou, de forma particular, o fazendeiro Juarez Tavares Macedo, proprietário de fazendas de estar pleiteando a compra de trinta novas glebas, num total de 90.000 hectares que poderiam invadir, ainda mais, as terras dos gorotires.

Mesmo ressalvando a sua posição de simples observador na Amazônia, e em alguns casos mais sérios de conflito o de "bombeiro", o major Curió acha que só a imediata demarcação da área gorotire e de forma especial do limite Leste, onde as fazendas estão mais próximas das terras dos índios, será possível resolver o problema. O delegado da Funai, Paulo César, por outro lado, explicou que realmente a reserva será aumentada, pois o traçado anterior cortava ao meio um castanhal, fato que poderia, no futuro, gerar novos atritos entre brancos e índios.

A imediata demarcação da reserva é a principal sugestão levada pelo representante da CSN a Brasília. A lentidão do trabalho de demarcação das áreas indígenas, que de acordo com o Estatuto do Índio deveria ter sido concluída em dezembro de 1978, é apontada pelos indigenistas como a causa maior de todos os ataques indígenas que ocorreram nos últimos anos. Ao lado deste problema, soma-se a inexperiência de alguns técnicos indigenistas — muitos dos antigos servidores foram demitidos nos últimos meses — que não estariam cumprindo a contento o papel de intermediários entre as comunidades indígenas e o órgão tutor do índio.

ÁREA EXPLOSIVA

O fato é que as autoridades, aos poucos, vão deixar índios e brancos na área dos gorotires alimentando ódios recíprocos até oferecer uma solução definitiva para a questão. O CSN já saiu da área e a Polícia Federal também não permanecerá por muito tempo. Os índios não poderão mais perambular pelas fazendas vizinhas, pois os seus proprietários já deixaram claro que eles serão recebidos a bala. Essa situação dificultará a vida da comunidade, acostumada a receber pequenos agrados e mesmo comprar suprimentos para a aldeia nas fazendas vizinhas. O grupo de 520 índios caiapós ficará agora bloqueado, passando a depender exclusivamente da Funai.

quadro de tensão que ainda persiste na área onde ocorreu o ataque dos índios gorotires, no Pará. Na sexta-feira, ainda reunidos na casa dos guerreiros, eles temiam um ataque dos fazendeiros e recebiam os visitantes de forma bastante arredia.

O massacre foi um acontecimento inédito para a geração mais nova dos gorotires, pois esses índios não guerreavam há mais de vinte anos. Na casa dos guerreiros os mais jovens, tão penetrados quanto os mais experientes, sentados sobre a palha, fabricam flechas, bordunas, ainda pintados de preto. Todos os dias um grupo de quinze guerreiros sai para caçar, garantindo a comida do grupo. Essas caçadas, de agora em diante, serão mais perigosas e todos partirão para a mata bem armados, temendo uma emboscada.

Na aldeia, corre a mesma versão já apresentada pela Funai, e, em parte, confirmada pelos fazendeiros. José Uté, o índio que dialogou com os ocupantes da fazenda Espadilha antes do ataque, disse que o grupo só decidiu matar as vinte pessoas depois que foram feridos dois índios: "Queríamos apenas cortar o cabelo dos homens que estavam brigando com a gente, dizendo que não gostavam de índio. Antes tínhamos desarmado o Jones — o administrador da fazenda — e guardado o seu revólver no quarto. Quando feriram dois companheiros nossos, gritei para os índios que estavam lá fora e aí então tudo aconteceu muito rápido".

A violência do ataque, no entanto, chocou a todos que acompanharam o caso. "Não entendo, por exemplo — disse o Major Curió que conhece bem os caiapós —, como eles mataram também as crianças. Nos ataques do passado esses índios matavam os adultos e levavam as crianças para a aldeias, onde elas eram criadas." De fato, na aldeia dos gorotires, é possível encontrar alguns índios claros com os cabelos anelados.

GARIMPO

Além do problema da invasão de suas terras pelas fazendas, os gorotires foram surpreendidos nos últimos meses com a chegada maciça de garimpeiros que estão invadindo até fazendas particulares no município de Conceição do Araguaia em busca de ouro. Em julho, os índios expulsaram 200 garimpeiros de suas terras e, na semana passada, a polícia interditou a fazenda Crumarú situada próxima à área indígena expulsando os garimpeiros.

Para amenizar o problema causado pela chegada de mais de 20 mil aventureiros na região, o Conselho de Segurança Nacional liberou parte do garimpo da Goiaba para exploração, reservando o filão principal para a Docegeo. A presença desses garimpeiros, em sua maioria vindos do Maranhão, alterou a vida de Conceição do Araguaia, cidade situada às margens do rio Araguaia. A Prefeitura local acabou alojando os forasteiros no Parque da Pecuária, fornecendo alimento, pois o problema social já se estava tornando grave. Com a liberação do garimpo da Goiaba, no entanto, a cidade já está mais calma e algumas fazendas liberadas. A fazenda Santa Helena, por exemplo, chegou a ser invadida por 1.500 homens.